

CIÊNCIA & SAÚDE

Covid-19: O que são e para que servem os testes serológicos?

22.04.2020 19:44 por [Lucília Galha](#)

Alemanha, Luxemburgo e França querem usar estes testes como meio para preparar a saída da quarentena. A SÁBADO explica-lhe porque são importantes.

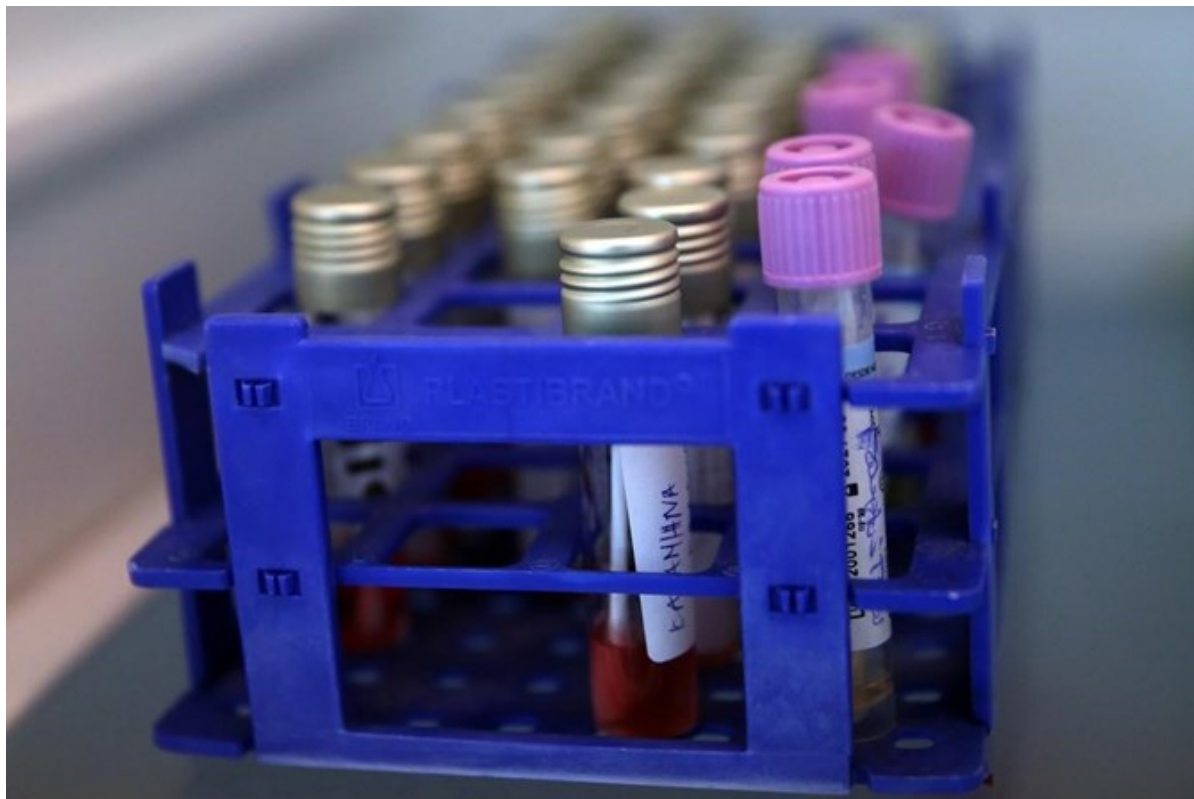


Foto: EPA/ORESTIS PANAGIOTOU

Tendo-se evitado o descontrolo é preciso agora passar à segunda fase: como solucionar a pandemia? "A gente sabe que este é um vírus respiratório, que se transmite por contato próximo, por inalação, entra nas pessoas por via aérea. Se proibirmos os contatos entre as pessoas vamos controlar a pandemia. O problema foi identificado e sabíamos qual a solução para ganhar tempo. Agora é preciso resolver a pandemia", diz à SÁBADO o virologista Pedro Simas. E como? Os testes serológicos é que nos vão dar respostas, acreditam os especialistas.

Arrancaram esta terça-feira, dia 21, no Hospital de Santa Maria os testes serológicos a doentes e a profissionais de saúde "para aferir o grau de exposição ao novo coronavírus". Saiba o que são estes testes, porque são tão importantes e que respostas nos podem dar.

O que são testes serológicos?

São testes que medem se uma pessoa tem anticorpos específicos para um microrganismo, neste caso o coronavírus, no sangue. Só tem anticorpos quem já contactou com o vírus, ou

seja, quem foi infetado.

"Podem surgir duas situações: a pessoa ter os anticorpos e não estar infetada, o que quer dizer que contactou com o vírus, eliminou a infeção e desenvolveu imunidade; ou a pessoa ser seropositiva, ter os anticorpos, e ainda ter o vírus – está em processo de eliminação do vírus", explica à **SÁBADO** Pedro Simas, virologista do Instituto de Medicina Molecular.

Para o especialista dever-se-ia fazer a combinação dos dois testes: o de diagnóstico, que determina se a pessoa está infetada, e o serológico. "Se for positivo para os dois, a pessoa tem de permanecer em quarentena, se for negativo para o primeiro e positivo para o segundo, a pessoa já está imune e, em princípio, pode regressar à vida normal sem ser um perigo para a saúde pública", diz.

Para que servem?

"O interesse não é propriamente clínico, mas epidemiológico: servem para saber qual é a prevalência de pessoas com imunidade numa população. A partir da prevalência dos imunes tenho uma perspetiva da prevalência de infetados", diz o médico especialista de saúde pública, Lúcio Meneses de Almeida.

São testes fundamentais para se perceber o que está a acontecer com a pandemia, e depois decidir como a resolver. "Faço uma comparação: o serológico, para mim, é o cérebro, e o de diagnóstico, o coração. Se não soubermos qual a percentagem de imunidade populacional que se está a construir, não sabemos desenhar as estratégias de mitigação para resolver a pandemia", compara Pedro Simas.

Que importância têm?

Todos os que lidam com os grupos de risco deviam fazer este teste, defende o virologista Pedro Simas. Explica: "Para termos a segurança que estas pessoas já não constituem perigo de disseminação do vírus", diz. E, desta forma, resolver um dos principais problemas da pandemia que é a mortalidade.

Enquanto o teste de diagnóstico tem de ser repetido, uma vez a pessoa dando positivo para o serológico (e negativo para o vírus), não precisa de ser novamente testada. Embora ainda não existam certezas sobre a imunidade, o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa está otimista. "Eu não conheço nenhum vírus que não gere imunidade. Não será expectável que este se comporte de forma diferente", diz.

"Senão não se estava a isolar soro de pessoas convalescentes, e que já recuperaram da infeção, e a administrá-lo a doentes em situação crítica, como está a ser feito no Canadá e noutros países", acrescenta.

Quando devem ser feitos?

Quanto mais cedo, melhor. É preciso saber a percentagem de imunidade populacional, consideram os especialistas. "Nós precisamos de voltar à vida normal e o SNS precisa de instruir e de guiar as medidas de proteção dos grupos de risco que vão ser adotadas", diz Pedro Simas. À medida que se constrói a imunidade de grupo, cada vez se mitiga mais o problema.

Ao fim de quanto tempo uma pessoa infetada desenvolve anticorpos?

Os anticorpos começam a ser produzidos e detetados no sangue a partir do sétimo dia. Mas geralmente demora 14 dias até haver o início de uma boa resposta à infeção.

O que é a imunidade de grupo?

A percentagem de população necessária para o vírus atingir um equilíbrio, ou seja, "já não há vírus suficiente na sociedade para infetar um grupo de risco", explica Pedro Simas.

Imagine um grupo de 10 pessoas, em que todas são suscetíveis à infeção. Quando a primeira é infetada, a probabilidade de infetar as outras é enorme. Mas, se oito já resolveram a infeção e estão imunes, e surge um infetado, a probabilidade de essa pessoa infetar a outra que sobra é menor. É assim que a imunidade de grupo funciona, diz o especialista.

Que percentagem da população se tem de infetar para a atingirmos?

"As epidemias têm uma vantagem: acabam por se controlar, mas têm de infetar pelo menos metade das pessoas. Só atingindo esse valor é que o incêndio se começa a apagar", diz Lúcio Meneses de Almeida, que é também presidente da Associação Portuguesa de Infeção Hospitalar.

Estima-se que, para atingir a imunidade de grupo, seja preciso entre 60 a 70% da população, mas é difícil ainda determinar.

Em que consiste este teste?

Na recolha de uma pequena amostra de sangue, que até pode ser apenas uma picada no dedo, semelhante à da medição da glicémia – que depois é testada no laboratório.

"Essencialmente, temos a proteína que é importante do vírus ligada a uma placa de plástico, metemos o sangue do paciente lá e, se houver anticorpos, eles vão ligar-se ali e temos uma forma de os detetar", explica o virologista Pedro Simas.

Enquanto o teste de diagnóstico exige uma pessoa especializada para o fazer, o serológico pode ser feito por qualquer técnico laboratorial. Além de que qualquer laboratório o consegue fazer – é um teste que existe há mais de 30 anos. "O que foi preciso foi isolar o vírus e ter as proteínas que identifiquem os anticorpos", explica.